



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**FORMAÇÃO DOCENTE NUM CONTEXTO DE INCLUSÃO ESCOLAR:
“ALTERIDADE: EU NO LUGAR DO OUTRO”**

Adriana Martins Modesto Teixeira

Nº de Matrícula: 112790001C

Polo: Juiz de Fora

Juiz de Fora

2019

**ADRIANA MARTINS MODESTO TEIXEIRA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

**FORMAÇÃO DOCENTE NUM CONTEXTO DE INCLUSÃO ESCOLAR:
“ALTERIDADE: EU NO LUGAR DO OUTRO”**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Márcia Marin

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Martins Modesto Teixeira, Adriana.

Formação docente num contexto de inclusão escolar: “Alteridade: eu no lugar do outro” / Adriana Martins Modesto Teixeira. -- 2019.

22 p.

Orientadora: Márcia Marin Vianna

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Educação Inclusiva. 2. Formação Docente. 3. Oficina Pedagógica. 4. Alteridade. I. Marin Vianna, Márcia, orient. II. Título.

ADRIANA MARTINS MODESTO TEIXEIRA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Márcia Marin – Orientadora
Colégio Pedro II

Prof^o Dr. Neil Franco Pereira de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof^a Ms. Luciane Aparecida Nobre
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

A Deus por seu amor incondicional, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À minha família, em especial, ao meu marido, Saulo, pelo amor, incentivo e paciência. Por não permitir que eu desistisse, mesmo com os contratemplos.

À minha orientadora Márcia Marin, por toda paciência, atenção e pelas aprendizagens que me fizeram crescer.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse momento, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho descreve uma proposta de intervenção pedagógica realizada em uma escola de educação básica, privada, do município de Itu, interior do Estado de São Paulo. A intervenção se constituiu da oferta e realização de uma oficina pedagógica para formação docente continuada, que teve por título: “Alteridade: eu no lugar do outro”, foi uma proposta de sensibilização para o corpo docente da escola, de modo a trazer o conceito de alteridade como uma vivência, para que os profissionais pudessem refletir sobre o que é uma pessoa com deficiência. Além disso, a ideia era promover a reflexão sobre como poderiam contribuir, de fato, para a inclusão de alunos com deficiência ou qualquer outra peculiaridade no seu processo de aprendizagem. Essa oficina pedagógica teve como propósito incentivar e sensibilizar os professores sobre a importância da inclusão nas instituições de ensino comum; foi dinamizada por meio de atividades prático-reflexivas que visaram à sensibilização e o despertar de um olhar diferenciado dos educadores a todos os alunos com necessidades educacionais especiais. Como resultado observou-se a inquietação do grupo de professores e um novo olhar sobre as temáticas selecionadas. Entretanto, entendemos também que não se tratou de um rompimento definitivo com algumas mentalidades que não estão de acordo com os princípios inclusivos. A oficina pode ser compreendida como geradora de reflexões e incômodos que podem despertar interesse e busca por novas perspectivas para um novo pensar e agir na docência.

Palavras-chave: educação inclusiva, formação docente, oficina pedagógica, alteridade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA.....	9
2. JUSTIFICATIVA.....	10
3. OBJETIVO GERAL.....	12
4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
5. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	13
6. RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	14
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS.....	20
ANEXO A.....	21
ANEXO B.....	22

INTRODUÇÃO

A questão da formação de professores tem sido alvo de inúmeras preocupações e pesquisas atreladas às questões da qualidade do ensino no Brasil. No contexto atual da política educacional brasileira, onde esforços têm sido concretizados no sentido de garantir uma educação de qualidade pautada nos referenciais para uma sociedade inclusiva, apresentam-se novas práticas pedagógicas, oriundas da necessidade de modificação das estruturas educacionais, como forma de garantir a efetivação dos princípios estabelecidos para a construção de uma sociedade inclusiva e plural.

Nessa perspectiva, pensar sobre formação docente para a educação inclusiva torna-se fundamental para a compreensão e desvelamento dos modelos educacionais vigentes e das práticas pedagógicas que sustentam tais modelos.

Um dos grandes desafios para a concretização da cultura da inclusão nos sistemas de ensino está na formação inicial e continuada dos professores que muitas vezes se sentem despreparados para atuarem de acordo com a diversidade presente na escola.

Diante de tais preocupações, o presente trabalho aborda uma proposta de intervenção pedagógica para docentes de uma escola particular no município de Itu, interior do Estado de São Paulo.

Foi oferecida uma oficina pedagógica de sensibilização, de modo a trazer o conceito de alteridade como uma vivência, para que os docentes pudessem refletir sobre o que é uma pessoa com deficiência. E como poderiam contribuir, de fato, para a inclusão desses alunos.

Essa oficina pedagógica teve como propósito incentivar e sensibilizar os professores sobre a importância da inclusão nas instituições de ensino comum, e foi dinamizada por meio de atividades prático-reflexivas que visaram à sensibilização e o despertar de um olhar diferenciado dos educadores a todos os alunos com necessidades educacionais especiais.

A inclusão desses alunos em instituições comuns de ensino é assegurada pela legislação brasileira. A Resolução nº 2/2001 (BRASIL, 2001) instituiu as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e promoveu um avanço na concepção sobre a atenção aos Planos Nacionais de Educação (PNE) na rede de ensino nacional, conforme disposto em seu art. 2:

Os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizar-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos (BRASIL, 2001).

No que tange à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu Capítulo V da Educação Especial, temos a definição da Educação Especial contida no art. 58:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. § 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. § 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil (BRASIL, 1996).

Entretanto, não é apenas a legislação que assegurará que os alunos com necessidades especiais sejam tratados com respeito, mas sim a consciência de todos os envolvidos nos processos de ensino.

Nesse contexto surgiram as questões e a proposta de intervenção deste trabalho que está sendo apresentado, com o propósito de despertar um novo olhar nos docentes. Sabemos que a legislação foi um grande avanço, mas para que se efetive a inclusão é necessário que as pessoas envolvidas no processo aceitem os desafios, acreditem que é possível. Desta forma, a educação inclusiva deixará de ser apenas garantida pela legislação e passará a ser realidade nas escolas brasileiras e na sociedade.

1. IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA

Durante o curso de Especialização em ‘Educação Inclusiva em Contextos Escolares’, tive a oportunidade de refletir muito sobre o processo de inclusão. Com isso, algumas inquietações foram surgindo e passei a observar mais a rotina da escola em que eu trabalho.

Analisei o trabalho docente e o trabalho da equipe gestora realizados no Ensino Infantil, Fundamental I e II e Médio. Percebendo que efetivar a inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais era um dos maiores problemas e desafios encontrados por todos. A escola tem alguns alunos com deficiências, que recebem atendimentos com especialistas fora do colégio por conta dos pais, mas durante as aulas eles não têm

acompanhamento específico. Os professores que estão em sala com esses alunos apontam a necessidade de maior apoio ao processo de aprendizagem. Percebi também a resistência da coordenação e de professores em receber um aluno com deficiência em sala, por apresentarem medos e angústias.

Sendo assim, optei pela elaboração de uma oficina de sensibilização para realizar junto aos docentes, ao constatar a dificuldade dos professores e gestores da escola em realmente incluírem os alunos com necessidades especiais à rotina e contribuir para seu desenvolvimento. Acredito na importância e na urgência da inclusão e na necessidade da aceitação e convivência com a diversidade para a construção de uma sociedade mais justa e pacífica.

Assim, a questão que motivou essa proposta de estudo é: como formar docentes para a pluralidade e singularidade presentes nas salas de aula?

2. JUSTIFICATIVA

As rápidas transformações que vêm ocorrendo na sociedade atual e, sobretudo, o processo de globalização que envolve as esferas econômicas, políticas e sociais tem provocado repercussões variadas em diversas áreas e aspectos da vida social, bem como nos múltiplos grupos sociais que integram as diferentes regiões do nosso país, surgindo, então, a necessidade de criação de mecanismos que garantam a construção de uma sociedade mais justa, mais equânime.

Essas mudanças implicam em uma busca por um modelo educativo que contemple os anseios de uma sociedade inclusiva, baseado em princípios e leis que reconheçam a necessidade de uma educação para todos, onde a preocupação com o respeito às diferenças é fundamental para a consolidação do paradigma inclusivo.

De acordo com Souza e Silva (2005), numa abordagem de atenção à diversidade e à inclusão social, a educação apresenta-se como um fator importante de transformação social, em que novas propostas estão sendo desenvolvidas em torno de um ensino que atenda a todos os estudantes e a suas diferentes necessidades educacionais.

A escola inclusiva valoriza a diversidade e a subjetividade que existe no ser humano, pretende acolher na sala comum de ensino alunos com todo o tipo de necessidade educacional especial, seja ela advinda de condições econômicas, orgânicas, ambientais ou psicológicas.

Segundo Aranha (2004):

No âmbito da educação, a opção política pela construção de um sistema educacional inclusivo vem coroar um movimento para assegurar a todos os cidadãos, inclusive aos com necessidades educacionais especiais, a possibilidade de aprender a administrar a convivência digna e respeitosa numa sociedade complexa e diversificada (p. 20).

A dificuldade em transformar o discurso sobre inclusão em uma prática generalizada e permanente tem sido atribuída a diversos aspectos (SKLIAR, 1997; BUENO, 2008; GLAT & PLETSCHE, 2011; KASSAR, 2012). Uma das principais barreiras, mesmo nos dias atuais, onde muito já se tem discutido sobre a questão, ainda é, sem dúvida alguma, o despreparo e/ou resistência dos profissionais da educação para atuarem em uma nova configuração educacional.

Diante disso, a ideia da oficina pedagógica para docentes teve como propósito incentivar e sensibilizar todos os docentes. O convite foi aberto aos professores de todos os segmentos que tivessem interesse, através de uma ficha de inscrição. Mas apenas um grupo de professores se inscreveu, pois, nem todos puderam participar da atividade devido à incompatibilidade de horários e outros compromissos. A oficina foi realizada como atividade prático-reflexiva, visando promover sensibilização e despertar um olhar diferenciado dos educadores para todos os alunos com necessidades especiais. Salientando a importância da inclusão nas instituições de ensino comum.

O documento “Referenciais para Formação de Professores” (MEC, 1999) estabelece que:

O professor precisa ter condições de se desenvolver profissionalmente para assumir com autonomia o comando de seu trabalho, pois só assim poderá oferecer as condições necessárias para o desenvolvimento de seus alunos, atendendo as suas diferenças culturais, sociais e individuais (p. 3).

Tomando como base essa concepção, o objetivo da formação de professores é a sua profissionalização por meio do desenvolvimento de competências de modo a permitir que no cumprimento de suas funções estejam contempladas as dimensões técnicas, sociais e políticas que são igualmente importantes e imprescindíveis ao desenvolvimento educacional brasileiro.

Ao analisarmos criticamente a situação atual da formação de professores no Brasil, torna-se claro a necessidade de que o movimento de renovação da educação esteja fundamentado na concepção de formação na perspectiva da educação inclusiva e que esta

formação precisa se ancorar nas competências acima descritas de forma a contemplar as necessidades de uma prática pedagógica articulada com os valores de uma escola plural e igualitária.

Esta missão atribuí às escolas novas funções a desempenhar, o que pode provocar tensões entre os diferentes protagonistas do processo educativo. A inclusão escolar tem como um de seus objetivos garantir o convívio entre crianças e adolescentes com e sem deficiências ou outras necessidades educacionais especiais. Por meio de uma educação inclusiva é possível construir uma sociedade também inclusiva.

Como, então, garantir o direito à aprendizagem para todos? Como ensinar a alunos tão diferentes dentro de uma mesma sala de aula? Como garantir que todos aprendam e se alfabetizem em tempo oportuno? O ‘como fazer’ é o grande desafio vivido pelos educadores. Com o objetivo de provocar nos professores uma reflexão sobre a inclusão e como é a sensação de estar no lugar do outro, passando pelas dificuldades do outro, surgiu à proposta de um momento de formação docente em serviço, por meio da aplicação de uma oficina de sensibilização.

3. OBJETIVO GERAL

Este projeto de intervenção teve como objetivo desenvolver uma oficina com a finalidade de incentivar e sensibilizar os professores sobre a importância da inclusão nas instituições de ensino comum.

4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir a importância da inclusão escolar e da formação docente.
- Analisar a formação docente num contexto inclusivo.
- Promover vivências que proporcionem maior sensibilização dos docentes.
- Refletir sobre a educação inclusiva através do texto “Deficiências” de Renata Villela (ANEXO A) e do vídeo “As cores das flores”¹.

¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=s6NNOeiQpPM>>, acesso realizado em fevereiro de 2019.

5. A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

A intervenção pedagógica ocorreu a partir do desenvolvimento de uma oficina de sensibilização para um grupo de professores de uma instituição de ensino particular de orientação religiosa, localizada na cidade de Itu, no Estado de São Paulo. No ano letivo de 2019, a escola conta com aproximadamente 48 professores e 664 alunos matriculados regularmente na Educação Básica, nas seguintes etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Os educandos são de ambos os sexos e estão distribuídos em dois períodos: manhã – para o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano e Ensino Médio – da 1ª à 3ª série; e à tarde – para a Educação Infantil, nas classes de Maternal I e II, Pré I e II e Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano, totalizando 33 turmas na escola.

A escola possui prédio próprio, com 33 salas de aula estruturadas com equipamentos e móveis escolares; 01 Laboratório Multidisciplinar de Ciências; 01 Laboratório de Informática; 01 sala especial de Formação e Música; 01 sala especial para Artes; 02 salas de material didático; 01 Biblioteca; 01 sala de Convivência; 02 Ginásios Poliesportivos cobertos; 02 quadras de esportes descobertas; 01 campo gramado; 02 parques infantis; 01 piscina semiolímpica; 01 auditório; 01 capela; 03 estacionamentos e grandes áreas ajardinadas.

Atualmente, o colégio tem recebido alguns alunos com deficiências. No segmento da Educação Infantil, mais especificamente no Maternal II, há um caso de Autismo; e no Fundamental I, há três casos: um no 1º ano, um no 2º ano e um no 3º ano; nos dois casos do 2º e 3º ano os alunos são irmãos. O colégio tem também uma aluna no 2º ano do Ensino Médio com deficiência intelectual e física (cadeirante). E o último, é um aluno do 3º ano do Ensino Médio, que possui síndrome de Down. Totalizando seis alunos com deficiências. E um dos maiores desafios educacionais é criar um ambiente de inclusão e convívio entre todos os alunos no espaço escolar.

A seguir será descrita a aplicação da oficina de sensibilização, denominada “Alteridade: eu no lugar do outro”, com duração de 03 (três) horas, para um grupo de 25 professores.

O primeiro momento, com duração de cerca de 30 minutos: acolhida, reflexão e discussão a partir do texto de Renata Villela “Deficiências” (ANEXO A) e do vídeo “As cores das flores”.

Segundo momento, com duração de aproximadamente 30 minutos: apresentação em *slides* abordando aspectos referentes à inclusão escolar (ANEXO B).

Intervalo de 30 minutos.

Terceiro momento, com cerca de 1 hora e 30 minutos, desenvolvimento de atividades de sensibilização, listadas a seguir:

- vender os olhos e ouvir a música “Trem bala”, de Ana Vilela ².
- usar meias grossas para pegar objetos, pentear os cabelos, abotoar blusas.
- assistir um vídeo com janela em LIBRAS³ e pedir que interpretem o que assistiram.

Quarto e último momento, com duração aproximada de 30 minutos, relato por parte dos participantes sobre suas sensações, como se sentiram e se comportaram estando no lugar do outro, vivenciando seus limites, possibilidades e diferenças.

6. RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

A intervenção pedagógica aconteceu no dia 04/04/2019 através de uma oficina pedagógica de sensibilização denominada “Alteridade: eu no lugar do outro”.

A oficina ocorreu no próprio espaço do colégio, no horário de 17h30min, no auditório. O convite foi aberto aos professores de todos os segmentos que tivessem interesse, através de uma ficha de inscrição. Tivemos presente um grupo de 25 professores do total de 48, pois nem todos puderam participar da atividade devido à incompatibilidade de horários e outros compromissos, conforme já explicitado anteriormente.

No primeiro momento, os docentes foram acolhidos e dispostos em cadeiras que formavam um círculo. Em seguida, houve uma pequena apresentação sobre a atividade proposta, na qual expus a importância de eles estarem ali, de me doarem um pouquinho do tempo deles, sendo que depois de um dia longo de trabalho ainda iriam ficar por aproximadamente 03 horas, mas que esse momento seria de muita reflexão e importância.

Dando continuidade à oficina, comecei a reflexão através do poema de Renata Villela “Deficiências” (ANEXO A), o texto discorre sobre como podemos ser deficientes

² Música disponível em: < <https://www.kboing.com.br/ana-vilela/trem-bala/>>, acesso em Fevereiro de 2019.

³ Janela em Libras disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FZruODJb8TU>>, acesso em Fevereiro de 2019.

perigosos para nós mesmos e para aqueles que nos cercam. E alerta que deficiências éticas e comportamentais são mais destruidoras do que as deficiências físicas, já que essas são, na maioria das vezes, imperceptíveis a olho nu. O objetivo de iniciar com esse texto, foi justamente tocar os professores. Para que eles, antes de começarem a listar as dificuldades de trabalhar com alunos com necessidades educativas especiais, refletissem se realmente estão pensando com um pouquinho de carinho nesses alunos.

Utilizei também o vídeo “As cores das flores” que conta a história de um garoto, chamado Diego, que lida com o desafio de uma atividade escolar. Sem o recurso da visão, ele cria uma lógica particular para se relacionar com a realidade, que recebe significados para além das definições usuais. O mais interessante é que em nenhum momento é colocado em dúvida se o menino realizará a tarefa. A expectativa é de como irá realizá-la. Vale destacar que o vídeo mostra que, além desse apoio de pessoas próximas, a estrutura escolar e os profissionais envolvidos foram importantes para possibilitar esse contexto de sucesso na aprendizagem. Essa rede de confiança na capacidade de aprendizagem da criança se explicita em todas as situações. Isso é acreditar que toda criança pode aprender!

Logo de início percebi que o texto e o vídeo tinham alcançado o objetivo proposto, alguns comentários foram surgindo, os professores começaram a expor sobre o mundo corrido em que vivemos e que não damos a devida atenção para o outro, o quanto é mais fácil apontar as dificuldades do outro do que enxergar as potencialidades.

[...] eles precisam de trabalhos diferenciados, atenção. Tenho que fazer da melhor forma possível para que o meu aluno se sinta incluído no ambiente escolar. As atividades diferenciadas fazem toda diferença. Não posso ficar esperando pela escola. (Professor A).

A inclusão propicia a interação do aluno com outros alunos, o que é um ponto positivo. O apoio da escola e da família retratada no vídeo faz toda diferença. Nós precisamos acreditar mais nos nossos alunos. (Professor B)

No segundo momento, iniciei a apresentação teórica usando *slides* (ANEXO B) com alguns tópicos e informações que considero relevantes. Procurei abordar informações claras e objetivas para que não ficasse cansativo. Ressaltei a importância da inclusão, o que seria uma escola inclusiva, os fundamentos legais, como podemos construir uma escola inclusiva e para finalizar algumas reflexões.

O objetivo foi sensibilizar e estimular esses professores para que pudessem buscar uma formação adequada para atender essa nova demanda de alunos e fomentar espaços de reflexão crítica sobre o cotidiano escolar em uma perspectiva de formação diferenciada para

os professores que vivenciam a questão da inclusão em seu fazer docente, que é algo importante e que deve sempre ser oportunizado.

Alguns professores comentaram que essas leis foram um grande avanço, mas que eles às vezes se sentem despreparados para receber essa demanda por conta da formação, da estrutura escolar. Falaram que na faculdade não foram preparados para trabalhar com esse público, quase nada se foi falado no curso de graduação sobre deficiências.

Penso que a escola e professores não estão preparados para inclusão, principalmente as deficiências mentais. A faculdade só te dá uma base, um suporte. Eu diria uns 50% e os outros 50% é na prática, na vivência. (Professora C).

As leis foram um grande avanço, mas ainda tem muito a se fazer. (...) já trabalhei em escolas em que não apresentavam estrutura nenhuma nem física, nem suporte pedagógico. Eu já me deparei com momentos complicados em que pensei em desistir. Na faculdade pouco se foi falado, temos que buscar informações por conta própria. Hoje ainda temos a internet que ajuda bastante. (Professora D).

Já no terceiro momento, após um intervalo de 30 minutos para um café, demos continuidade com a parte prática da oficina. E que seria a parte mais importante do meu ponto de vista, pois seria um momento de sentir o que nossos alunos sentem, quando de fato não são incluídos na sala de aula. Expliquei que iríamos fazer três atividades para que nos colocássemos no lugar do outro. Iniciei com a atividade de pegar objetos, pentear os cabelos e abotoar blusas usando luvas e meias grossas nas mãos. Foi um momento de bastante apuro, pois os docentes sentiram muita dificuldade em executar as tarefas, mas foi um momento bem descontraído. Eles diziam que não estavam conseguindo fazer algo tão simples do dia a dia.

Em seguida, passamos para a outra atividade que foi assistir um vídeo em Libras. Utilizei a oração do “Pai Nosso” em Libras, pois sabia que era uma oração comum a todos e que independente da religião todos conheciam, ou alguma vez na vida já ouviram. Procurei um texto fácil em que a sinalização era feita bem devagar, para que eles tentassem entender, sem som e sem legenda, só com a sinalização em Libras, e em seguida explicassem o que foi dito, mais uma vez os docentes tentaram se concentrar para executar a tarefa.

Alguns professores, com bastante dificuldade, conseguiram identificar algumas palavras mais simples como “céu”, “terra”. Ao término, os docentes ficaram surpresos por não terem percebido que era uma oração tão comum, conhecida e que eles não a identificaram.

Levantamos a questão do Tradutor/Intérprete de Língua de Sinais (TILS) que tem um papel muito importante na comunicação entre ouvintes e surdos. Sem essa mediação a comunicação entre esses sujeitos fica interrompida, principalmente na sala de aula, onde o

aluno surdo está inserido na sala regular de ensino com os demais colegas e professores ouvintes, que podem não possuir certo conhecimento nessa língua. Mas o professor, mesmo não sabendo Libras, pode ajudar seu aluno, ao falar devagar e de frente para o aluno, seria algo simples que muitos docentes não se atentam e o aluno fica perdido.

A última atividade foi a de vendar os olhos ao som da música “Trem Bala”, de Ana Vilela. Com o objetivo de mostrar a realidade de uma criança com deficiência visual, os docentes foram vendados. Eles ficaram com os olhos tampados, sentindo, vivenciando algumas atividades. Solicitei que fizessem atividades básicas como escrever uma frase, criar um desenho e tentar colori-lo; caminhar sozinho pelo ambiente. Em seguida, dividi o grupo em duas equipes: um com vendas e outro sem vendas, ou seja, “cegos” e “videntes”.

A primeira equipe, “os videntes”, sem olhos vendados seriam os guias dos outros professores que estavam vendados, “os cegos”, numa atividade que envolvia movimentos corporais. Fui explicando que tipo de movimentos eles iriam executar fazendo referência ao que a música falava. Os guias iriam ajudar no giro, no balanço da música, para que ninguém caísse e percebessem que precisamos do outro, e queria que observassem que podemos aguçar outros sentidos, como a audição, para melhor nos situarmos. A ideia era eles construíssem uma coreografia sem ver a orientação, apenas ouvindo. Essa foi uma forma de sentirem, por alguns minutos, o que um aluno cego sente. Puderam promover um aprendizado na prática de algo que apenas com discurso teoria é bem mais difícil.

No quarto e último momento, com duração aproximada de 30 minutos, ocorreu o relato por parte dos participantes sobre suas sensações, como se sentiram e se comportaram estando no lugar do outro, vivenciando seus limites, possibilidades e diferenças.

Diante dos relatos dos docentes ficou perceptível que eles ficaram bastante emocionados. A professora E relatou que:

Me senti bastante tocada com as atividades, pois tenho um aluno com autismo, e vejo a importância de estimulá-lo, mas é muito difícil conseguir dar atenção a ele o tempo todo, pois tem um planejamento a cumprir e tem outras crianças que precisam de minha ajuda também. (Professora E)

A professora F relatou que a oficina a fez refletir sobre como podemos contribuir para esse processo de inclusão, mas que é complicada essa posição do professor de chegar e ter um aluno com necessidade especial. Ele olha para o aluno e pensa: o que vou fazer?

Porque nós não temos nenhuma formação, nem nós que somos mais antigas, nem os novos. Então não sabemos como essa inclusão vai acontecer. Isso gera uma angústia e medo. (Professora F).

O professor G ressaltou a importância da formação inicial e continuada para os docentes. Ele afirma que:

O mundo mudou, portanto não temos os mesmos alunos de dez anos atrás, precisamos aceitar e buscar novos conhecimentos. E como educador precisamos nos adequar. Ninguém é igual. Todo tipo de preconceito, rótulos e estereótipos são prejudiciais às pessoas e relacionamentos. É preciso que aprendamos o respeito, a paciência e tolerância para que tenhamos relacionamentos mais saudáveis. (Professor G).

A professora H relatou que esse tipo de encontro não existe na escola, não há professores de apoio, pouco se fala nesse assunto. Disse que procura informações por conta própria quando chega um aluno na sala é que vai ver o que dá para fazer.

[...] a escola ainda não tem suporte necessário para trabalhar de forma eficiente, creio que me falta capacitação para desenvolver atividades com esses alunos. Fica evidente que a simples inserção de alunos com necessidades educativas especiais, sem nenhum tipo de apoio ou assistência aos sistemas regulares de ensino não dá certo. (Professora H).

O professor I também salientou a importância de se falar mais sobre o assunto:

Precisamos falar mais sobre a inclusão, ter rodas de conversas para que possamos expor sobre nossas experiências, medos e frustrações. Ouvir a opinião de professores que passaram ou passam por isso. Ressaltar a evolução dos nossos alunos, ver se estamos no caminho certo. Sem esse *feedback* não sabemos se evoluímos ou retrocedemos. (Professora I)

Compreendemos que esta experiência despertou um novo olhar aos docentes, eles puderam refletir sobre a importância da inclusão nas instituições de ensino regular e vivenciar situações reais que perpassam suas salas de aula. Ao final da experiência todos os participantes puderam analisar o processo de formação e fazer suas contribuições sobre a experiência. Acredita-se que mais espaços de diálogo e debate são fundamentais para a formação de professores. Com a oficina ficou perceptível também à necessidade de formação docente continuada e de um trabalho a ser realizado em conjunto. Os professores em geral puderam se colocar no lugar do outro e que este pode ser o início de um processo de formação para práticas inclusivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto de intervenção teve como objetivo desenvolver uma oficina com a finalidade de incentivar e sensibilizar os professores sobre a importância da inclusão nas instituições de ensino comum, considerando que dentro da realidade da escola que foi o local da aplicação essa estratégia não é utilizada com frequência.

A oficina teve os objetivos alcançados, apesar de que nem todos os professores tiveram a oportunidade de participar, mas ainda assim tivemos um número significativo e um bom envolvimento de quem esteve presente, o que pode nos sugerir que o grupo participante pode funcionar como multiplicador da experiência vivenciada na oficina, ao iniciar novas discussões e reflexões junto aos colegas de trabalho.

Podemos perceber que os profissionais, apesar de alguns buscarem informações e qualificações para desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas, coerentes com os processos de inclusão, queixam-se de não encontrar espaços de reflexão coletiva para lidar com os desafios cotidianos.

Diante disso, se apresenta um duplo desafio: o primeiro é o de planejar pautas temáticas que promovam estudos aprofundados e qualificados que respaldem reflexões entre os participantes. O segundo desafio é o de possibilitar que nestes espaços se garanta um debate em que os mesmos possam expor suas ideias, dúvidas, conhecimentos e angústias.

O entendimento sobre a percepção e a vivência dos professores em relação aos alunos com necessidades educacionais especiais, a análise de preconceitos existentes e a conscientização sobre o papel docente nos processos de inclusão são fatores importantes e determinantes para o desenvolvimento educacional pleno de todos os estudantes.

Compreendemos que esta experiência despertou a inquietação do grupo de professores e um novo olhar sobre as temáticas selecionadas. Entretanto, entendemos também que não se tratou de um rompimento definitivo com algumas mentalidades que se distanciam de princípios inclusivos. A oficina pode ser compreendida como geradora de reflexões e de incômodos que podem despertar interesse e busca por novas perspectivas para um novo pensar e agir na docência.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. S. F. Projeto Escola Viva. Alunos com necessidades educacionais especiais. Visão Histórica, v.1 In: Brasília: MEC, SEESP, 2004, 7-39.
- BRASIL. Lei n° 9.394, de 20 de setembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Parecer 017/2001. Brasília: MEC/SEESP, 2001.
- _____. Referenciais para a Formação de Professores. MEC, 1999.
- _____. RESOLUÇÃO CNE/CEB N° 2, DE 11 DE SETEMBRO DE 2001. Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.
- BUENO, José Geraldo Silveira. As políticas de inclusão escolar: uma prerrogativa da educação especial? In: BUENO, José Geraldo Silveira; MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; SANTOS, Roseli Albino (orgs.). Deficiência e Escolarização: novas perspectivas de análise. Araraquara, SP: Junqueira & Marin; Brasília, DF: CAPES, 2008.
- GLAT, Rosana. PLETSCHE, Márcia Denise. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011.
- KASSAR, Mônica de Carvalho Magalhães. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e o atendimento educacional especializado. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José (orgs.). Inclusão escolar e social: novos contextos, novos aportes. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- SKLIAR, Carlos. Abordagens sócio antropológicas em Educação Especial. In: SKLIAR, Carlos (org.). Educação e Exclusão: Abordagens sócio antropológicas em Educação Especial. Porto Alegre: Mediação, 1997.
- SOUZA, Rita de Cácia Santos; SILVA, Greice Fabiane Santos. Inclusão na diversidade: um desafio para os educadores. In: Revista da Faced: UFBA, 2005.p.239 – 251 n°09.

ANEXO A - Poesia de Renata Villela

Deficiências

“Deficiente” é aquele que não consegue modificar sua vida, aceitando as imposições de outras pessoas ou da sociedade em que vive, sem ter consciência de que é dono do seu destino.

“Louco” é quem não procura ser feliz com o que possui.

“Cego” é aquele que não vê seu próximo morrer de frio, de fome, de miséria, e só tem olhos para seus míseros problemas e pequenas dores.

“Surdo” é aquele que não tem tempo de ouvir um desabafo de um amigo, ou o apelo de um irmão. Pois está sempre apressado para o trabalho e quer garantir seus tostões no fim do mês.

“Mudo” é aquele que não consegue falar o que sente e se esconde por trás da máscara da hipocrisia.

“Paralítico” é quem não consegue andar na direção daqueles que precisam de sua ajuda.

“Diabético” é quem não consegue ser doce.

“Anão” é quem não sabe deixar o amor crescer.

E, finalmente, a pior das deficiências é ser miserável, pois:

“Miseráveis” são todos que não conseguem falar com Deus.

“A amizade é um amor que nunca morre.”

Fonte: Poema disponível em: <https://www.pensador.com/poema_deficiencia/>, acesso em Março de 2019.

ANEXO B – Miniatura dos slides usados na apresentação teórica.

OFICINA

“ALTERIDADE: EU NO LUGAR DO OUTRO”



EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UM DESAFIO CONTEMPORÂNEO



INCLUSÃO

RESPEITO AS SINGULARIDADES

↓

- Não se dá por Decreto.
- Não é uma tentativa de igualizar todos e sim respeitar necessidades e particularidades.

INCLUSÃO

Perspectiva primordial

diferenças que caracterizam impossibilidade da existência o ser humano

impossibilidade da existência de pessoas iguais.

ALUNO → Único
Ser singular e social
História de vida

→ Constitui-se como ser histórico diferente

Qual nossa concepção de DEFICIÊNCIA?

Qual nossa concepção de INCLUSÃO?



- Inclusão, não significa simplesmente matricular Todos os educandos com Necessidades Educacionais Especiais na classe comum, ignorando suas necessidades específicas, mas significa dar ao professor e à escola o suporte necessário a sua ação pedagógica.

- Implica, construir um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os educandos, sem distinção de raça, classe, gênero ou características pessoais, baseando-se no princípio de que a diversidade deve não só ser aceita como desejada. (Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, 2001: p.40)

Escola inclusiva

- “Implica uma nova postura da escola comum, que propõe no Projeto Pedagógico – no Currículo, na Metodologia de ensino, na avaliação e na atitude dos educadores – ações que favoreçam a interação social e sua opção por práticas heterogêneas. A escola capacita seus professores, prepara-se, organiza-se e adapta-se para oferecer educação de qualidade para todos, inclusive para os educandos que apresentarem Necessidades Especiais”.

Acesso e Fundamentos legais

- Constituição Federal de 1988;
- Diretrizes Nacionais para a Educação Especial.
- Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva.
- Decreto nº 7.611

CONSTRUIR UMA ESCOLA INCLUSIVA

- É um caminho que cada um deve traçar, experimentando, construindo suas próprias iniciativas e seu próprio percurso, de acordo com as necessidades, anseios, desejos de seus alunos e profissionais, considerando, os recursos e potencialidades de sua comunidade, ou seja, sua realidade escolar!

QUESTÕES PARA REFLETIR

- De acordo com Rosa Blanco, “não podemos esperar que todas as condições existam para começar a inclusão, porque senão nunca começaremos.(...) a inclusão é um processo gradativo, que leva tempo, que é complexo, que tem que ser construído aos poucos. Assim, as condições fazem parte do próprio processo”.

- O que eu, enquanto professor, posso fazer para o meu aluno?

Somos todos deficientes e especiais

Procura-se urgentemente alguém que acredite na inclusão.
Alguém que esteja aberto à incluir, a abrigar, a abraçar, a acolher.
Que seja disposto a abrir oportunidades.
Tenha boa vontade para estimular as habilidades de outrem.
Que queira perceber as potencialidades de outro alguém.
Que seja humano.
Alguém que veja além das máscaras.
Que consiga acreditar no outro.
E que acredite em si mesmo.
Alguém que queira assumir desafios.
Que não tenha medo das diferenças.
Mas que seja diferente.
Que não acredite em barreiras.
E que não aceite limites.
Procura-se alguém que confie no brilho d
Que tenha fé no seu próprio coração.
E que acredite na INCLUSÃO.

Lara Orlow



A Inclusão acontece quando ...



“Se aprende com as diferenças e não com as igualdades”
Paulo Freire